

Proprietário: José Bernardo da Silva

A Força do Amor



Alonso e Marina

Prop.: - José Bernardo da Silva

A FORÇA DO AMOR

Alonso e Marina

NESTES versos eu descrevo
a fôrça que o amor tem
que ninguém pode dizer
que não há de querer bem
o amor é como a morte
que não separa ninguém

Marina era uma moça
muito rica e educada
o pai dela era um barão
duma familia ilustrada
mas ela amou a Alonso
que não possuía nada

Ambos nasceram num sitio
num dia, na mesma tarde;
pegaram logo a se amar
com nove anos de idade
se todos dois fôssem ricos
era um casal de igualdade

Alonso era enfeitado
sem ter de familia o nome
criado por um ferreiro
trapilho, passando fome
pois quem é criado assim
todos os dias não come

MUSEU DO AÇUCAR

Biblioteca

F 1983 | 27/1/75

Pelas mercês de Marina
Alonso pôde estudar
Marina não tinha mãe
se sujeitava a tirar
do dinheiro do barão
para Alonso sustentar

Estava com 20 anos
dispôs-se um dia Marina
disse a Alonso: me peça
veja o que a sorte destina
é bom que se saiba logo
meu pai o que determina

— Amanhã pelas 10 horas
você vá ao barão
chegue lá declare a êle
que pretende a minha mão
conforme o que êle disser
eu tomo resolução

— Se não faltar-lhe a coragem
havemos de conseguir
meu pai não é raio elétrico
que nos possa consumir
ou faz o que nós queremos
ou então ver eu sair

Alonso aí respondeu:
não obsta ser um barão
título comprado não pode
comprar a um coração
êle é mortal como eu
um de nós perde a ação

—Ele pode deserdá-la
 tomar tudo que fôr seu
 casar-me com moça rica
 não é interêsse meu
 amo-a mais que minha vida
 escravo do amor sou eu

No outro dia às dez horas
 Alonso foi ao barão
 chegou com tôda coragem
 fêz-lhe a declaração
 que amava a filha dêle
 pretendia dela a mão

Exclamou logo o barão:
 és assim tão atrevido?
 não respeitas mais a mim?
 aonde estás tu metido?
 então eu tenho uma filha
 para dar a um bandido?!

Disse Alonso: senhor barão
 não obsta eu ser um pobre
 sua filha é potentada
 me ama sem eu ser nobre
 amor não olha riqueza
 inda que a pobreza dobre

O barão chamou 3 praças
 deram-lhe voz de prisão
 arrastaram o pobre Alonso
 como se fôsse êle um cão
 ou se fôsse um insolente
 um criminoso ou ladrão

(4)

O barão chamou a filha
perguntou se tinha dado
consentimento a um bandido
que tinha o injuriado
pedindo a mão da filha
sendo êle um desgraçado

—Foi eu, respondeu Marina
que mandei êle pedir
e amo-o desde pequena
se o amor não conseguir
no solo do cemitério
hei de com êle me unir

O barão corou e disse:
descanse seu coração
se você casar com êle
eu deixo de ser barão
pois eu morto, a minha einza
reconhece o meu braço

—Eu já o mandei prender
e fiz recomendação
que não consentisse alguém
levar-lhe água nem pão
creio que mais de dez dias
não terá de duração

Disse Marina: meu pai
pode se enganar
ainda Alonso morrendo
ou o atirarem no mar
me lançarei no abismo
e vou com êle parar

—Porém êle é pobre assim
não tem pai, foi enjeitado
é pobre, mas tem orgulho
de dizer: sou homem honrado
pode a sorte o proteger
será êle um potentado

—Cale-se, infeliz maldita!
falou irado o barão,
se articular comigo
eu a boto na prisão
moto-a debaixo dos ferros
e lhe acabo a opinião

—Pode matar, disse ela
satisfaça a sua paixão
pode aniquilar meus dias
mas não minha opinião
só Deus sabe, mais ninguém
o que tenho no coração

Se recolheu ao quarto
deixando o pai no salão
estudando qual o meio
dela enganar o barão
e como podia tirar
o amante da prisão

Depois de pensar um pouco
chamou a criada dela
disse que fôsse à cadeia
falasse com o sentinela
que ela mandava dizer
que fôsse falar com ela

Recebe o guarda o recado
e prontamente chegou
ela estava no jardim
logo ao guarda falou
não houve aí quem soubesse
a cilada que ela armou

Disse Marina ao guarda:
você é um desgraçado
mil anos que viva aqui
não passará dum soldado
solte Alonso que está prêso
que o faço felizardo

—Senhora, disse-lhe o guarda
isso faz minha desgraça
se eu fizer isso, seu pai
acaba até minha raça;
disse Marina, deserte
pra que você quer mais praça?

- Dou-lhe dez contos de réis
para você o soltar
êle vai para o Japão
onde há de negociar
você deserte com êle
lá pode bem se arrumar

Aí o guarda saiu
com sentido no dinheiro
e pôde se aproveitar
do sono do carcereiro
tirou as chaves do bôlso
soltou o prisioneiro

Chegaram ambos no jardim
Alonso com o soldado
ela foi ver o dinheiro
que há anos tinha guardado
achou cem contos de réis
dinheiro forte cunhado

Ai disse ela a Alonso:
vamos lutar com a sorte
fuja para o Japão
dou-lhe um falso passaporte
com as paixões de meu pai
você vá, não se importe

—Quando escrever para mim
para não ser descoberto
bote Jaquária Mendes
filha do Herculano Alberto
as que eu esquecer daqui
vão Inácio Felisberto

—Você enricando lá
depois quando aparecer
meu pai estará mais brando
não odeia mais você
se ilude com o dinheiro
tudo se pode fazer

Quando foi no outro dia
o barão pôde saber
que Alonso tinha saído
deu-lhe febre, quis morrer
não assassinou Marina
por um padre interceder

Com quatro dias depois
veio um moço passear
foi à casa do barão
e esse deu-lhe um jantar
o tal moço viu Marina
pediu-a para casar

O barão disse que dava
porém Marina não quis
disse-lhe pessoalmente:
comigo não é feliz
fora Alonso, para mim
não tem outro no país

Lhe replicou o barão:
à força há de casar
êste homem é muito rico
tem bem com que te tratar
se não me fizeres os gostos
a vida há de te custar

- Meu pai, respondeu Marina
a morte a mim me faz bem
o homem que casa à força
que sentimento bom tem?
eu sou mulher, mas à força
não me caso com ninguém

---E o senhor cavalheiro
saiba que está enganado
espôsa sua eu não sou
pois assim tenho jurado
pode ficar na certeza
que não logra êste bocado

Disse o barão: se apronte
 que ela não se governa
 inda que nisto intervenha
 a autoridade eterna
 casa ainda que vá
 ao fundo duma cisterna

Faltavam apenas 2 meses
 para a realização
 quando veio a precatória
 foi logo às mãos do barão
 denunciando o tal moço
 de assassino e ladrão

Dêste ficou ela livre
 pois a justiça o prendeu
 porém por caipora dela
 um primo lhe apareceu
 pedindo-a a casamento
 o pai prontamente deu

Então Marina lhe disse:
 meu pai faça o que quiser
 só me caso com Alonso
 dê o caso no que der
 homem nenhum neste mundo
 terá a mim por mulher

O pai já tinha comprado
 um muito rico enxoval
 disse a ela: você casa
 casa por bem ou por mal;
 respondeu ela: meu pai
 prepararei um punhal

Então escreveu ao primo
que não viesse casar
sob pena de morrer
era cálculo sem errar
pois mesmo nos pés do padre
ela havia de o matar

Ele mandou lhe dizer
que abrandasse o coração
se esquecesse do bandido
que envergonhava o barão
dali a dois dias mais
êle lhe daria a mão

Afinal chegou o dia
que havia de casar
disse Marina consigo:
por certo hei de me acabar
que romance interessante
alguém de mim vai formar!

Estava o altar preparado
o bispo e o capelão
o presidente da província
que era amigo da barão
a sala estava completa
de homem de posição

As criadas de Marina
vestiram o rico enxoval
ela disse a uma delas:
mande dobrar o sinal;
e p... debaixo da roupa
colocou logo o...

Chegou ao pé do altar
mesmo na ocasião
que o bispo preparou tudo
o noivo estendeu a mão
ela cravou-lhe o punhal
em cima do coração

O punhal entrou um palmo
êle caiu sôbre o chão
ela perguntou ao pai:
está satisfeito, barão?
viu como uma mulher faz?
cumprí minha jura ou não?

O barão ficou pocco
quis na mesma ocasião
vibrar-lhe outra punhalada
deixá-la morta no chão
suluçava em desespero
em pensar naquela ação

Foi um irmão do tal
vingar nela o seu irmão
ela disse: êste punhal
é tudo em minha mão
abaixo da Deus é êle
quem me dá a proteção!

Aí cravou-lhe o punhal
êle caiu sem alento
ela enxugando gritou:
tudo aqui eu arreventei
até meu pai se op
morre ou sofre fermento!

Aí o bispo pegou-a
e deu-lhe voz de prisão

—Estou prêsa, disse ela
mas não me entrego ao barão
meu pai me fêz assassina
e fêz minha perdição

Apontou para o cadáver
e lhe disse: desgraçado
morreste por ser covarde
sendo por mim avisado
teu irmão também morreu
e tu foste o culpado

O bispo disse: Marina
eu garanto a tua vida;
então respondeu Marina:
ao senhor estou rendida
a morte não faz terror
quando a alma está ferida

—Jurei perante a meu pai
que com outro não casava
porque o amor de Alonso
fielmente conservava
e disse que êste punhal
era quem me advogava

—Avissei êste covarde
já no último momento
preveni-lhe que o matava
no ato do casamento
aquilo que digo, faço
já cumpri meu juramento

—Meu pai me fêz assassina
devido a sua ambição
prefiro morrer de fome
encerrada na prisão
porém o amor de Alonso
não sai do meu coração!

—Se na prisão me acabar
fôr presente ao Criador
se eu lá puder lhe falar
direi a êle: Senhor
tôda culpa que eu tive
foi entregue ao meu amor!

Disse o barão que a levassem
para a prisão, amarrada
porque era assassina
sanguinária desgraçada

—Duas vítimas inocentes
fêz agora esta malvada!

As criadas acompanharam
até entrar na prisão
ela primeiro que tudo
escreveu para o Japão
contando tudo a Alonso
o que fêz na aflição

Alonso já tinha ganho
2 mil contos no Japão
quando recebeu a carta
quase morre de paixão
disse consigo: é agora
que me viço do barão

Na carta ia o seguinte:
 «Alonso, me desgraçei
 «papai quis casar-me à força
 «qu'eu não casava, jurei
 «me levaram aos pés do padre
 «lá mesmo o noivo matei

«Matei mais um irmão dêle
 «que interveiu-se na questão
 «porque também receava
 «que podia ainda o barão
 «visto ter morto meu noivo
 «querer dar-me o outro irmão»

Tomou Alonso um vapor
 e seguiu no mesmo dia
 com 6 dias de viagem
 chegou aonde queria
 mudou de traje e de nome
 que ninguém o conhecia

Encontrou na rua um homem
 que lhe pedia dinheiro
 porque êsse avaliava
 ser Alonso um estrangeiro
 Alonso viu com u'as chaves
 conheceu ser carcereiro

Alonso aí perguntou:
 o amigo é carcereiro?
 --Sou, meu moço, disse o velho
 um mendigo aventureiro
 há 6 meses que trabalho
 e não recebo dinheiro

Alonso com muito jeito
fêz-lhe a indagação
perguntou: o senhor tem
as chaves duma prisão
dessa prisão onde está
a menina do barão?

—É esta; mostrou a chave
com que eu abro-lhe a porta
há seis dias, coitadinha
com 1 ferro pesado às costas
tanto eu creio que amanhã
talvez amanheça morta

—Quer 20 contos de réis
pra tirá-la da prisão?
disse Alonso mostrando
o cheque que tinha na mão
disse o velho: Deus me livre!
o que me faz o barão?

—Amigo, eu sou Alonso
por quem Marina está presa
moro no Japão, sou banqueiro
tenho dinheiro e grandeza
venho de lá ocultamente
só tratar dessa deusa

—Dou-lhe o dinheiro logo
e fuja para o Japão
chegue lá pode contar
com a minha proteção
pois eu para os japoneses
tenho mais força que o barão

O velho coça a cabeça
diz ai: eu vou pensar;
olhava para o dinheire
não podia dispensar
—Pois 20 contos de réis
eu não deixo de ganhar

A seis dias que Marina
não via água nem pão
nem luz sequer lhe traziam
que horrível situação!
com 12 quilos de ferro
quase morta sôbre o chão

Quando chegavam-lhe dores
ela assim mesmo gemia
interrogava a si própria:
será noite ou será dia?
nem sequer entra uma réstea
nesta maldita enxovia!

—Meu Deus, que cova escura!
oh! tormento sem modêlo!
oh! luz do sol cintilante!
o sol mais nunca hei de vê-lo!
sou companheira das trevas
nesta habitação de gêlo!

—Também pouco custará
a pôr têrmo em minha vida!
que tem que sofra estas dores
marrer aqui oprimida?
esse terror assim modêlo
não me faz arrependida

Veio o velho com Alonso
e entraram na prisão
Alonso quase desmaia
vendo Marina no chão
pôs-lhe a mão, achou-a fria
que fazia compaixão

Alonso levava leite
rapidamente aqueitou
pondo Marina no colo
ela com pouco acordou
tomou um pouco de leite
com pouco mais melhorou

Quando Marina tornou
que viu Alonso a seu lado
exclamou: meu Deus, é sonho?
ou eu terei me enganado?
fitou e chamou por êle
disse: oh! anjo abençoado!

Logo que Alonso se viu
com Marina em seu poder
disse consigo: eu agora
pouco me importa morrer
fiz o que ela me fez
pode o barão se morder

Quando êles estavam fora
um oficial os viu
e para Alonso e Marina
como uma fera partiu
Alonso com um punhal
cravou-lhe e êle caiu

Chegaram mais 5 praças
 a Alonso acometeram
 Alonso atirou em dois
 aí mesmo êles morreram
 Marina inda matou um
 ficaram dois e correram

Correu ao pôrto e disse
 ao capitão do navio
 que queria partir logo
 que o tempo estava de este
 êsse disse: agora não;
 o barco estava vazio

No outro dia às 10 horas
 estava o barco preparado
 o barão desconfiou
 que o barco estava fretado
 pôs em estado de sítio
 foi o navio embargado

Correu-se canto por canto
 a fim de ver se achava
 um velho amigo de Alonso
 numa cova os conservava
 então o velho escondido
 todo negócio espreitava

Alonso mandou pelo velho
 uma carta ao capitão
 que fôsse falar com êle
 pois havia precisão
 dizendo: tenho dinheiro
 que

Pronto o capitão chegou
então Alonso lhe disse
que queria retirar-se
oculto que ninguém visse
a quantia de dinheiro
o capitão lhe pediu

Com pouco chegou 1 soldado
procurando o capitão
chegando a êle entregou-lhe
uma carta do barão
dizendo: custa-lhe a vida
se partir para o Japão

O capitão que era forte
disse a Alonso: se apronte
embarque, conduza a moça
comigo até ao Japão, conte
você só sai do meu barco
se fizerem de mim pente

A uma da madrugada
o navio abriu a vela
seguiu de bandeira içada
então a noite era bela
pois no mar isso é vantagem
uma noite como aquela

Assim que o vigia viu
que Alonso tinha fugido
correu, deu parte ao barão
que o barco tinha saído
o barão deu um ataque
ficou sôbre o chão caído

Mandou chamar u'a esquadra
e mandou que perseguisse
onde pegasse o navio
prendesse se resistisse
matasse Alonso lá mesmo
queimasse a filha se visse

Já tinha andado 2 dias
era uma manhã cedo
deu fé de uma tripulante
que perseguia um torpedo
o capitão preparou-se
e disse: aqui não há medo

Com poucas horas depois
o navio os alcançou
deram-lhe voz de prisão
o capitão se alterou
Alonso saiu na prôa
a batalha se travou

Cento e quarenta soldados
contra o barco se botaram
o capitão morreu logo
com os tiros que trocaram
o navio que Alonso ia
as balas o estragaram

Marina disse a Alonso:
se perdemos esta vitória
tocamos fogo na pólvora
que para nós será glória
de nós não há um que fique
para contar a história

O chefe da expedição
 disse a Alonso: se renda;
 Marina com ânimo disse:
 a nós não vejo quem prenda.
 estamos sós, vamos ver
 quem é que ganha a contenda.

Disse Alonso: peleje...
 e desceu logo ao porão
 trouxe um caixote já pronto
 e com tôda disposição
 deitando fogo na pólvora
 foi medonha a explosão

Porém Alonso e Marina
 da explosão escaparam
 por uma felicidade
 uma tábua encontraram.
 passando por perto d'elles
 ambos nela se agarraram

Dos inimigos de Alonso
 apenas um se salvou
 por sua felicidade
 um salva-vida inda achou
 que foi êle que ao barão
 todo ocorrido narrou

O barão como uma fera
 depois de está informado
 aí foi ver o punhal
 que ainda estava guardado
 remeteu aos pais dos mortos
 qu'era o conde seu cunhado

E mandou pedir ao conde
 que guardasse por lembrança
 o punhal com todo sangue
 como papel de herança
 dizendo; eu só apareço
 depois da minha vingança

Mandava dizer na carta
 do conde de Montalvão:
 «vou perseguir o bandido
 «o mato num caldeirão
 «Marina, abro-a pelas costas
 «arranco-lhe o coração»

O conde e a condessa
 quando a carta receberam
 com essa triste notícia
 que seus 2 filhos morreram
 passaram 8 ou 10 dias
 que água apenas beberam

O conde e a sua mulher
 todo dia consultava
 que de todos os seus filhos
 apenas um lhes restava
 e esse para o futuro
 era quem tudo vingava

Deixemos aqui os planos
 que os condes adotaram
 veja Alonso e Marina
 como foi que se salvaram
 que se nas ânsias da morte
 como um protetor acharam

O navio afundou logo
devido os graneds estragos
Marina disse a Alonso:
morremos bem estamos pagos
nossas almas vão unidas
Deus verá nossos afagos

Disse Alonso: eu contigo
da morte não tenho lembrança
faço de conta que vou
para o céu numa mudança
teu peito serve de sombra
onde minh'alma descansa

Disse Marina sorrindo:
isto aqui é um altar
os peixes são sacerdotes
um há de vir nos casar
eu fui pedida na terra
e o casamento é no mar

Ambos ficaram vagando
esperando pela morte
Alonso disse; Marina
vamos ver que dá a sorte
haja o que Deus fôr servido
inda que a vida nos corte

Disse Marina a Alonso:
eu não tenho a esperança
o mundo, o outrô é a família
risquei tudo da lembrança
tudo com a morte se acaba
tudo com a vida se alcança

Olhou para Alonso e disse:
 vamos fazer oração
 nos confessamos a Deus
 e lhe pedimos perdão
 por tumba temos o mar
 por coveiro o tubarão

Olhou para o céu e disse:
 Jesus Cristo Redentor
 Deus e homem verdadeiro
 de todo mundo senhor
 olhai pra êstes infelizes
 pobres escravos do amor!

---Pelo tôpo do calvário
 onde a grande cruz se ergueu
 por vosso sangue inocente
 que em gôta na cruz desceu
 pelas chagas, pelos cravos
 perdão para o crime meu!

---Pelo cálice de amargura
 vos peço meu Deus, me acuda
 eu só mereço que faças
 para mim as ouças mudas
 vos peço por vossas dores
 e pela tragédia de Judas

--Meu Deus vós bem conheceis
 meu coração traidor
 não fiz traição a meu pai
 nem a êsse tenho rancor
 só vós poderis saber
 a ciência do amor!

—Vos peço, ó Deus, se quiser
 com pena me castigar
 mandai que as águas se abram
 para nelas me afogar
 salvando Alonso é bastante
 estou satisfeita em pagar

Aí Mariaa ouviu
 uma voz desconhecida
 dizer-lhe: a tua oração
 por Deus do céu foi ouvida
 com pouco vem uma onda
 que salvará tua vida

Então perguntou Marina;
 quem és tu qu'estás falando?
 —E' tua mãe; respondeu
 estou sempre por ti velando
 há quinze anos que morri
 mas vivo te acompanhando

Aí chegou uma onda
 com tôda fôrça arrojou-os
 com espaço de 3 horas
 sôbre uma praia botou-os
 Alonso pegou Marina
 aí a onda deixou-os

Já o sol ia se pondo
 seus raios de ouro morrendo
 o manto negro da noite
 sôbre o mundo se estendendo
 e êles esmorecidos
 gelados no chão tremendo

Marina exclamou: que frio!
que fome me davorando!
que ilusões, sinto nervosa!
que dôres me ameaçando!
será o anjo da morte
que está nos visitando?!

Nisto ouviram umas pisadas
era um homem pescador
viu os dois caídos ali
gritou com todo terror:
é alma do outro mundo
ou algum salteador?!

— Não sou alma, nem ladrão
nós somos dois naufragados
escapamos de morrer
estamos aqui derrotados
lutamos o dia inteiro
saimos, estamos gelados

— Estão nus? pergunta o homem
— Ambos estamos, senhor;
— Coitados, que lástima é esta!
exclamou o pescador
náufragos em terra alheia
meu Deus do céu, que horror!

— Meu amigo, eu sou 1 pobre
pobre e desprevenido
sinto nada possuir
(disse-lhe o desconhecido)
porém vou em nossa casa
ver se arrumo um vestido

O homem com a mulher
 conseguiu logo um vestido
 Alonso vestiu Marina
 que tinha esmorecido
 e se embrulhou numa capa
 que o homem tinha trazido

Disse o pescador a êles:
 eu não tenho o que lhes faça
 minha casa é a mais pobre
 que tem aqui nesta praça
 vamos pra lá assim mesmo
 que a noite depressa passa

Alonso pôs-se indagando
 depois duma refeição
 se ali morava algum homem
 que tivesse transação
 ou tomasse alguns dinheiros
 aos banqueiros do Japão

— Tem Monsenhor Manacés;

— E Manacés mora aqui?

— Mora, e é negociante
 a casa dêle é ali;

--E' meu freguês, disse Alonso
 só tem é que nunca o vi

Então Alonso escreveu-lhe
 contando todo o ocorrido
 contando o seu embarque
 como se tinha perdido
 e da forma que se achava
 e como tinha saído

Manacés na mesma hora
 veio aonde Alonso estava
 perguntou-lhe o que queria
 e de quanto precisava
 disse o quanto possuía
 ao dispor dêle se achava

---Precisava uma embarcação
 para dar ao pescador
 êle foi bom para mim
 foi êle meu salvador
 é necessário lhe dar
 seja que quantia fôr

O navio que Alonso vinha
 o mar tinha arrojado
 estava perto da praia
 que as águas tinham botado
 foram, acharam o dinheiro
 que Alonso tinha guardado

Alonso comprou um barco
 que estava no estaleiro
 procurou um capitão
 um homem forte e guerreiro
 que fôsse conhecedor
 de qualquer mar estrangeiro

Depois 5 ou 6 dias
 tomaram o barco e seguiram
 levando quatro criados
 que para o Japão partiram
 mas logo ao sair do pôrto
 em grande luta se viram

Um grande peixe feroz
contra o barco se botou
quase que vira o navio
ainda o arruinou
porém vinha um calafate
aí mesmo o consertou

Ja tudo tão tranquilo
nada havia de embarço
Alonso e Marina andavam
sempre na prôa, de braço
o barco como uma ave
que ia cortando o espaço

Mestrava Alonso a Marina:
vês êste sol como brilha?
aquêles flocos de neve
fingindo uma maravilha?
como é belo uma hora desta
juntar-se as nuvens em pilha!

Nesse momento Marina
olhando para a amplidão
obsevou que atrás dêles
vinha uma embarcação
com u'a bandeira encarnada
conheceram ser o barão

--Alonso! exclamou Marina
nossa desgraça chegou!
olha aquela embárcação
foi Deus que nos castigou!
meu Deus, oh! que tormento!
mas Alonso a acalmou



Disse ao capitão do barco:
somos de nôvo perseguidos
se o barco nos alcançar
um de nós fica perdido
êle hoje mata ou morre
um de nós fica vencido

Marina disse a Alonso:
eu sou filha, êle é meu pai
contudo ainda o amo
sinto um amor que me trai
hoje somos inimigos
um de encontro ao outro vai

Não passaram duas horas
se confrontaram os guerreiros
os navios eram bons
ambos fortes e ligeiros
o barão se preparou
e preveniu 2 artilheiros

Então gritou a Alonso:
pára êste barco, bandido!
hoje te arrependerás
de seres tão atrevido!
Alonso disse ao barão:
haja o que Deus fôr servido

Aí gritou o barão:
atirem neste navio
pois a um bandido dêste
não se fala em desafio
se êle escapar, vou dentro
mato tudo a ferro frio!

Dispararam duas peças
que o navio estremeceu
Alonso também de cá
um tiro enorme lhe deu
o navio que Alonso ia
uma bala inda o rompeu

Alonso disse ao barão:
é melhor se acomodar
volte daqui, vá viver
não queira me desgraçar
eu pago suas despesas
para o senhor se aquietar

— Miserável aventureiro
não quero te dar ouvido
tu hoje hás de me pagar
tudo que tenho sofrido
num caldeirão dêste barco
haverás do ser cozido!

E repetiu com um tiro
mas Alonso se livrou
atingiu o capitão
um balaço aterrador
êsse morreu ali mesmo
que nem gemeu com a dor

Um tenente coronel
que acompanhava o barão
saltou no navio de Alonso
com uma espada na mão
Marina deitou-lhe um tiro
morreu e não fez ação

Investiu mais um major
um sargento e um soldado
Marina emparelhou os três
com um tiro tão acertado
que matou 2 num momento
outro ficou aleijado

O barão e os 2 alferes
contra Alonso e 2 criados
travaram uma grande luta
estavam muito irados
pareciam seis leões
lutando desesperados

Marina disse: meu pai
deixe de ser orgulhoso
atenda o poder divino
que é o único poderoso
lhe peço em nome de Deus
não seja tão rigoroso

—Suma-se, infeliz maldita!
não quero olhar-te 1 instante!
se eu aqui não me afogar
mato a ti e a teu amante
eu mato ainda que Deus
contra mim se meta adiante!

Tudo já tinha morrido
restava êle sòmente
Alonso viu que morria
e barão estava imprudente
soltou-lhe uma dinamite
foi-se o barco de repente

Porém por felicidade
sempre escapou o barão
agarrou-se num escaler
que escapou da explosão
escapou quase sem roupa
porém o punhal na mão

O navio que Alonso ia
da explosão se estragou
de gente ficaram êles
o mais tudo se acabou
felizmente que o dinheiro
Marina logo guardou

Submergiu-se o navio
êles salvaram-se em um bote
Marina exclamando disse:
ó Deus. naufrágio é meu dote!
pedimos, Senhor, agora
que em boa praia nos bote!

O barão desesperado
por não poder encontrar
com Alonso e Marina
com tenção de ainda lutar
levava o punhal nos dentes
que chegava a se cortar

Conseguiu se encontrar
com o bote que Alonso ia
falava, mas com a cólera
quase que ninguém ouvia
quando olhava para êle
todo corpo lhe tremia

—Eis ai, disse o barão
vamos ver o que dá a sorte

bandido, hoje um de nós
 será herdeiro da morte
 as facas são testemunhas
 ganhará quem fôr mais forte!

E se travaram na luta
 inda Alonso se feriu
 Alonse virou-lhe o bote
 êle nágua se sumiu
 estava morrendo afogado
 mas Marina o acudiu

Êle salvando-se disse:
 ainda fizeste esta ação?
 não julgava inda achar isto
 em teu cruel coração!
 Alonso ainda falou
 êle não deu-lhe atenção

Êle em soluço exclamava:
 oh! que coração cruel!
 bôca que tanto beijei
 me parecia ter mel
 não sabia que no futuro
 fôsse uma taça de fel!

— Em noites, ela pequena
 só se acalmava comigo
 se ela dormindo chorava
 eu estava sempre consigo!
 como se cria nos braços
 o mais tirano inimigo?!

Saiu pelo mar vagando
 uma embarcação achou
 viu que era um naufragado
 parou o barco e o salvou

Ele dizendo quem era
a embarcação o levou

E Alonso com Marina
sairam também vagando
viram um barco japonês
adiante deles passando
Alonso pediu socorro
foi logo o barco parando

Em dia e meio de viagem
chegaram sempre ao Japão
levaram os papéis já prontos
se casaram sem bênção
descansou aí Alonso
das intrigas do barão

O barão chegou em casa
encontrou tudo estragado
o palácio onde morava
já se tinha incendiado
algun prédio que ainda tinha
estava hipotecado

Dizia êle a si mesmo:
vou morrer no estrangeiro
aonde ninguém não saiba
quem já fui eu de primeiro
ninguém zombará de mim
quando eu não tiver dinheiro

Êle não sabia pra onde
Alonso tinha partido
embarcou para o Japão
onde era desconhecido
um cheque que levava
chegou, estava perdido

Carregou lixo na rua
 a fim de se alimentar
 caiu seis meses doente
 depois de se levantar
 para não morrer de fome
 foi preciso mendigar

Foi procurar um emprego
 de forma alguma encontrou
 apenas numa cocheira
 alguns meses trabalhou
 o trabalho era pesado
 e ele não aguentou

O leitor calcule agora
 que horrível situação
 hoje ser um jornaleiro
 quem ontem foi um barão
 ontem com tanta fortuna
 hoje mendigando o pão!

—Mas tudo isto é verdade
 (dizia ele consigo)
 morrerei entre os estranhos
 sem ver sequer um amigo
 ninguém me perguntará:
 quêde teu orgulho antigo?

—Aqui ninguém me conhece
 não saberão quem fui eu
 em minha terra dirão
 que o barão já morreu
 não há quem tenha o prazer
 de ver o sofrimento meu!

—Alguém que passa por mim
 dirá: é um desgraçado;

não sabe quem fui outrora
desconhece o meu passado
também pela sepultura
muito breve sou chamado!

Muitas vêzes o barão
recordando o seu passado
dizia consigo só:
eu sou muito desgraçado!
eis aí o meu orgulho
em que é que foi tornado!

—Aquêlé pobre rapaz
que anda no fim do mundo
feito um pobre foragido
talvez até um vagabundo
eu merecia por isso
um sofrimento profundo!

—Minha filha sendo única
que minha mulher deixou
a quem sua mãe morrendo
tanto me recomendou
eu obrigá-la a chegar
ao extremo que chegou!

Um dia que não ganhou
com que comprar alimento
e de noite não achou
quem lhe desse um aposento
essa noite para êle
foi um cárcere de tormento

Oprimido pela fome
pois nada comeu no dia
a roupa tôda rompida
que o corpo lhe aparecia

deitado uma calçada
imunda, molhada e fria

Um dia disse Marina:
meu pai há de ter morrido
aquêles seu egoísmo
deve tê-lo consumido
pois o comum do orgulho
é sempre ser abatido

Disse Alonso: tenho pena
da loucura do barão
mas êle é orgulhoso
a ninguém presta atenção
com tudo isso assim mesmo
não lhe negava o perdão

Disse Marina: assim mesmo
com tôda essa crueldade
não posso deixar de ter-lhe
uma forçosa amizade
êle tem ódio de mim
eu dêle tenho saudade

—Se ainda chegar o dia
qu'eu o veja hei de curvar-me
embora o orgulho dêle
prive a êle de abraçar-me
porém se ver-me a seus pés
muito humilde há de tomar-me

Bem na calçada de Alonso
foi um dia êle cair
Alonso conheceu êle
e para não o affligir
sem dizer nada, mandou
um criado o conduzir

Deu-lhe quarto e u'a cama
 um médico veio o visitar
 êle fazia juizo
 mas não podia acertar
 porque meio aquêle homem
 assim queria o tratar

Marina, êle e Alonso
 uma noite conversando
 disse êle: sou um monstro
 é justo eu estar penando
 assassinei uma filha
 Deus está me castigando

—Fui malvado como Herodes
 soberbo como Lusbel
 tinha uma única filha
 uma alma nobre e fiel
 contra a razão obriguei-a
 a beber taça de fel

—Se eu inda visse meu genro
 para pedir-lhe perdão
 e pedir que me matasse
 eu lhe perdoava então
 minha vida hoje é um fardo
 dela não tenho precisão

---Eu sou um ente incapaz
 dum cristão me socorrer!...
 uma lágrima em Marina
 ela não pôde conter
 Alonso viu-a chorar
 foi obrigado a romper

— Seu genro, barão, sou eu
por mim está perdoado
já me esqueci disso tudo
pode ficar descansado
não é mais que isso o mundo
o barão estava enganado

— Bote a bênção em sua filha
fiquemos em união
Deus dá a sorte ao homem
para ver seu coração
faz o grande se humilhar
ergue o morto e dá-lhe ação

O barão ficou com eles
sendo de Alonso estimado
porém um sobrinho dêle
que ainda tinha ficado
por quem ao cabo de anos
foi Alonso assassinado

Tivemos isto a um análise
Então vê-se onde cai
A soberba é abatida
No abismo tudo cai
Deus é grande e tem poder
Reduz ao pó qualquer ser
O poder dêle é de pai